

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AGUIAR, Ana Izabel Melo de. Ana Izabel Melo de Aguiar (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 59min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ana Izabel Melo de Aguiar
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Data: 20/06/2018

Duração: 0h 59min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Antropologia; Bolsas de estudo e de pesquisa; Ciências Sociais; Formação acadêmica; Formação profissional; Material audiovisual; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 20.06.2018

O curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF); as bolsas de pesquisa durante a graduação; a mudança de Rondônia para o Rio de Janeiro; a pesquisa realizada em Oriximiná e na Rocinha; a direção de dois curtas no curso de Antropologia Visual; a decisão pelo curso de Ciências Sociais; o documentário sobre vendedores da orla de São Francisco, Niterói; o trabalho na produção de festivais de arte após a graduação; ingresso na MultiRio como assistente de direção; a trajetória na MultiRio e as aprendizagens; a criação de um projeto audiovisual pela entrevistada; a pesquisa realizada para um documentário no Pantanal; a representação do Pantanal na narrativa audiovisual; a escrita etnográfica e as pontes com a narrativa audiovisual; a articulação do conhecimento antropológico à montagem do documentário; a dimensão do tempo etnográfico na construção das narrativas; a contribuição da formação acadêmica na sensibilidade com questões de classe, gênero e raça; as relações de trabalho nos sets; o contato com as Ciências Sociais após a graduação; a rotina profissional da entrevistada; o contato com as redes sociais; perspectivas sobre seu futuro profissional.

Entrevista: 20.06.2018

João Maia – Bom, hoje é dia 20 de junho de 2018, no CPDOC. Entrevista com a Ana Izabel Mello de Aguiar. Obrigada por ter vindo, Ana. A primeira pergunta é bem simples – eu até sei, porque está aqui no currículo – onde e quando você estudou Ciências Sociais?

Ana Aguiar – Na UFF, Universidade Federal Fluminense. Eu entrei em 2005, e aí demorei um pouquinho mais do que os quatro anos, porque eu morava em Niterói na época, depois eu vim morar no Rio, então, se prolongou um pouco mais.

J.M. – Nesse período que você ficou na UFF estudando Ciências Sociais, você teve algum tipo de estágio, atividade profissional, algum tipo de bolsa ou algo relacionado às Ciências Sociais?

A.A. – Sim. Eu fiz primeiro uma pesquisa que era em Machadinho, eu trabalhei com uma professora que era a Eliane Cantarino, foi uma das várias bolsas com ela, aí eu fiz pesquisa em Machadinho, perto de Quissamã, com remanescentes quilombolas. Aí depois, eu fui para Oriximiná, a UFF tem um campo avançado em Oriximiná, você...

J.M. – Não, eu não conheço.

A.A. – Oriximiná fica no Pará e a UFF tem um campo avançado lá, uma estrutura para os alunos ficarem, um refeitório, um prédio que os alunos podem ir para lá fazer diversos tipos de campo tanto o pessoal das Ciências Sociais como Medicina vai muito, Enfermagem, Biologia, Geografia, enfim, qualquer aluno da UFF pode fazer trabalho em Oriximiná. E aí a gente foi para lá, também via professora Eliane Cantarino. E aí fizemos também trabalhos com remanescentes quilombolas, com uma família específica, tentando remontar o passado dela. Então, eu fiquei 40 dias lá. Eu sou de Rondônia, eu sou do Norte.

J.M. – Ah, não sabia. Por que de Rondônia para o Rio?

A.A. – Cara, o clássico, procurar melhorar a vida, estudar...

J.M. – Você veio sozinha ou veio com a família?

A.A. – Eu tenho uma tia que mora aqui. Eu sou de Rondônia, mas o meu pai, na minha infância, ele trabalhava com mineração, então, eu já morei no Alto Xingu, São Raimundo, São Felix, Santarém no Pará. Depois eu fui para o Amazonas, morei em Pitinga, que é uma mineração que fica a seis horas de Manaus. E aí depois que meus

pais se separaram que eu fui morar em Porto Velho. Então, eu nasci lá, mas morei pouco tempo lá.

E aí, era aquela coisa de eu não aguentava a cidade, era muito pequena para mim, eu odiava lá. Tem um filme, *O céu de Suely*, é um dos filmes que eu mais me identifico: “Você quer a passagem para onde? Para o lugar mais longe, por favor”. Então, era isso, eu sabia que eu não ia viver lá, minha mãe sempre soube, minha família sempre soube. A mãe do Norte cria o filho para ir embora mesmo. Falam que a mãe do Norte é muito diferente da mãe do Sudeste, porque a mãe do Sudeste, pô, o filho já está aqui, agora que tem vai para o exterior, não é? Mas a minha mãe criou: “Vocês vão embora mesmo, vão cuidar da vida de vocês”.

J.M. – E aí você foi.

A.A. – E aí eu vim. Vim de ônibus, tinha 18 anos, sei lá.

J.M. – Quanto tempo é de ônibus?

A.A. – Três dias.

J.M. – Para Niterói?

A.A. – Não, Niterói ainda não. Foi Rio mesmo, Niterói foi depois...

J.M. – Três dias de viagem.

A.A. – Três dias de ônibus. Tem uma tia minha que mora aqui no Rio e aí me convidou: “Vem”. Minha mãe falou: “Ah, sua tia perguntou se você quer ir morar no Rio? ” [risos]. Mas nem era um sonho, eu não tinha aquele sonho igual muita gente tem de vir morar no Rio. Eu sabia que eu ia morar em outro lugar, mas o Rio não era um sonho como, geralmente, tem isso. Mas eu era muito nova... Antes disso, eu ainda morei um ano em Minas, porque a minha irmã fazia faculdade lá em Viçosa e aí eu inventei: “Mãe, eu acho que eu tenho que ir estudar, fazer o terceiro ano do segundo grau numa escola mais forte para eu passar no vestibular”. Minha mãe acreditou, aí eu fui para Viçosa. Cheguei em Viçosa, cidade universitária, você imagina, só que a minha irmã estava péssima, deprimida e voltou, largou a faculdade e voltou para Manaus. E eu fiquei lá um ano sozinha, sendo sustentada pelo meu pai ainda, foi a última vez que eu fui sustentada pelo meu pai. E aí a minha brincadeira é que ainda bem que eu passei de ano, porque passar no vestibular eu não passei em nenhum, porque era...descobertas [risos].

E aí depois, voltei para Porto Velho, o que foi mais desastroso ainda, porque depois de ter passado um ano fora em Minas, voltar para Porto Velho era muito difícil. Aí fiquei seis meses e foi quando minha tia me chamou para vir para cá. Aí cheguei aqui e em um

mês eu já estava trabalhando, eu era secretária numa clínica de Radiologia. Esses dias eu estava conversando com os amigos falando dos meus primeiros empregos para pagar o curso pré-vestibular.

J.M. – E hoje você está pacificada com Porto Velho?

A.A. – Hoje eu estou, mas demorou muito. Primeiro, eu demorei muito para conseguir voltar lá de férias, porque é muito cara a passagem. Tinha mudado muito as condições financeiras do meu pai, da família no geral, então, eu que tinha que me sustentar aqui mesmo. Morava na casa da tia, não pagava aluguel, mas eu que tinha que me sustentar. Acho que para eu voltar para Porto Velho demorou uns cinco ou seis anos, ou seja, eu fiquei cinco ou seis anos sem ver minha mãe, irmãos e tudo. Agora, eu já consigo ir, minha mãe vem um ano para cá e eu vou um ano para lá.

A primeira vez que eu voltei lá, eu tive muita resistência da família, não da minha mãe, dos meus irmãos, mas dos tios, da família mais distante: “Ah, o Rio é um absurdo”. Eram só palavras contra o Rio, sei lá, foi meio traumatizante, eu falei: “Nunca mais volto para cá, esse inferno de lugar”. Mas depois eu fui voltando por conta da minha mãe, para ver minha mãe. E hoje sim, eu tenho uma relação boa com a cidade. Eu gosto quando eu vou para lá, eu gosto da comida de lá, eu gosto de encontrar os primos, os familiares. A cidade mudou. A cidade hoje tem noite, tem lugares legais, tem coisa para fazer, porque não tinha nada para fazer lá em Porto Velho, não tinha nada mesmo, era um inferno [risos]. Agora, está uma cidade interessante, até que da última vez que eu fui, eu falei: “Eu acho que já dá para morar aqui”. Mas aí eu já acho que é o meu problema atual com o Rio, qualquer lugar que eu vou hoje em dia, eu penso: “Cara, já dá para morar aqui”, porque o Rio não está nada fácil. Mas é isso, aí nisso são 20 anos de Rio.

J.M. – Bom, mas voltando para a pesquisa em Oriximiná.

A.A. – Então, eu já tinha morado muito tempo no Pará, para mim não era tanta novidade, mas para os meus amigos que estavam lá fazendo campo era bem diferente. E aí depois eu fiz mais um trabalho de pesquisa que aí já era com uma professora de Pedagogia, eu nem lembro como surgiu, mas era um trabalho de memórias, de resgatar um livro que ela tinha escrito há muito tempo com moradores da Rocinha. Então, a gente visitou a Rocinha algumas vezes, mas na verdade a gente visitou só para ter uma ideia de quais eram os lugares que as pessoas falavam, porque para gente era muito abstrato, mas o nosso trabalho todo era mais em arquivos mesmo. De trabalho de

pesquisa, eu fiz isso. No curso de Antropologia Cultural, era uma disciplina de Antropologia Cultural, eu dirigi dois curtas.

J.M. – Ah, como é que foi isso?

A.A. – Foi muito legal.

J.M. – Dirigir curta era uma atividade da disciplina ou você inventou?

A.A. – Como era uma disciplina de Antropologia Visual, acho que eu falei Cultural, desculpa, era Antropologia Visual. Mesmo lá na faculdade, eu já procurei algumas disciplinas nas Ciências Sociais ligadas de alguma forma ao Cinema.

J.M. – Por quê?

A.A. – Porque eu já tinha uma paixão por Cinema e também muitos amigos envolvidos com Cinema. Na época, eu era casada e meu ex-marido é cineasta. Então, eu já comecei a fazer trabalhos de produção de festival.

J.M. – Isso ainda você estava na faculdade?

A.A. – Isso ainda na faculdade. Eu falei: “Ah, já que eu gosto de Cinema e estou aqui fazendo Ciências Sociais, deixa eu ver as disciplinas...”. Qualquer disciplina que eles abriam por semestre que tivesse alguma coisa a ver com Cinema, eu fazia.

J.M. – Aliás, Ana, deixa eu te interromper, toda essa trajetória já na graduação, por que você não fez Cinema?

A.A. – É uma boa pergunta. Eu acho que eu não tenho uma boa resposta [risos]. Eu imagino...primeiro, eu acho que faltou mesmo...antes de qualquer coisa, eu também gostava de Ciências Sociais, eu tinha um sonho grande assim por Antropologia.

J.M. – Ah, você já tinha essa vontade.

A.A. – Sim, porque antes das Ciências Sociais, eu fiz Museologia na UNIRIO. E aí quando eu fiz Museologia, eu conheci o professor Bessa [José Ribamar Bessa Freire] e as aulas dele eram incríveis, a gente terminava a aula aplaudindo. E aí eu falei: “Gente, é o sonho da minha vida, eu quero fazer Antropologia”. E aí mudei e fui fazer Ciências Sociais.

J.M. – Você não se formou em Museologia?

A.A. – Não me formei. Fiz outro vestibular, porque Museologia era na UNIRIO. Fiz outro vestibular para Ciências Sociais em todas as faculdades aqui do Rio e passei para UFF. Então, tinha aí um sonho, eu gostava do curso, eu gostava da base que me dava, cultural, política, a formação que me dava. E eu achava que essa formação poderia fazer diferença e eu poderia trabalhar em qualquer coisa. E também o Cinema você aprende muito na prática, por mais que seja importantíssimo a faculdade de Cinema, eu sinto

falta, já fico até pensando...mas acabei investindo em alguns cursos mais específicos e tenho vontade ainda de fazer alguns outros cursos.

J.M. – Aí chegou nessa disciplina de Antropologia Visual, que aí tudo a ver você fazer, porque você já tinha esse interesse...

A.A. – Sim, a professora era ótima, a Tânia Neiva, uma figura muito legal, foi um curso muito bacana, de boas leituras. Eu acho que era o primeiro semestre que ela estava propondo essa disciplina, ou então, ela sempre fazia alguma coisa com Antropologia Visual, mas era uma das primeiras vezes da disciplina. E aí ela chegou a fazer a proposta que queria que tivesse algum trabalho visual nesse final da disciplina. Então, vários amigos fizeram com fotografia. E aí como eu já tinha...enfim, era casada com um cineasta, tinha câmera, tinha como montar em casa, enfim, dava para fazer. E aí eu fiz. A gente morava ali no bairro de São Francisco em Niterói e tinha vários vendedores, tinha um cara que vendia churrasco do lado do Porcão que a barraquinha chamava Porquinho, tinha umas coisas assim. E aí foi um documentário sobre esses vendedores da orla de São Francisco, fiquei indo lá com câmera...

J.M. – Só você mesmo?

A.A. – É eu, o Edu me acompanhava, mas eu que fazia mais câmera e ele que montou, mas comigo ali. E foi isso. E aí quando eu fui fazer a outra pesquisa com a Rocinha, quando a gente foi visitar a Rocinha, a gente conheceu um artista de lá super bacana e aí a gente resolveu também fazer um documentário sobre ele.

J.M. – E aí você também ficou encarregada de filmar.

A.A. – É, foi isso.

J.M. – Esses documentários não tiveram exibição, era mais para...

A.A. – O primeiro que eu fiz passou no festival...no Femina [2008]¹, que é um festival de cinema feminino, passou até na mostra competitiva.

J.M. – Legal.

A.A. – É.

J.M. – E aí você se formou, “e aí o que eu vou fazer da vida? ”.

A.A. – É porque em nenhum momento eu parei de trabalhar.

J.M. – Você estava trabalhando nessa época?

A.A. – Nessa época, uma das primeiras coisas que eu fazia era essa produção de festival. Então, tem um festival lá em Niterói que é o Araribóia Cine...

¹ http://www.feminafest.com.br/2008/competicao_e.php

J.M. – Já ouvi falar.

A - ...e a Tetê Matos, que é a produtora e idealizadora do festival, é muito minha amiga e um dia me chamou para fazer a direção de produção do festival. E aí eu falei: “Você é maluca, eu nunca fiz isso”. E ela: “Não, você vai dar conta, a gente te ajuda, vamos fazer”. E era um festival que já tinha tido algumas edições quando eu entrei. E aí eu aceitei, fiz, foi uma loucura, deu tudo certo, mas, enfim, é muito trabalhoso.

O trabalho no Cinema chega perto de uma insanidade, as pessoas têm que realmente gostar muito, porque a gente trabalha absurdamente. Em festival, em evento, você trabalha, sei lá, 18, 20 horas por dia, toda hora, as pessoas te mandam mensagens às 3 da manhã. Tem uma coisa assim do meio que é muito... eu tento agir um pouco diferente nos meus trabalhos, ser uma pessoa menos *workaholic* doida, mas enfim às vezes também nem dá.

E aí eu cheguei a fazer a produção do Araribóia Cine, fiquei trabalhando uns três anos nesse festival. E aí era isso, tinha bolsa da UFF de pesquisa e aí a vida com poucas despesas, não pagava aluguel, era o apartamento próprio do ex-marido, então, era fácil. E aí depois a gente se separou, eu vim morar no Rio, e aí eu comecei a trabalhar... A Isabela Faya que é uma grande amiga também e que a gente também fez o Araribóia juntas, fez o Festival Femina, que é outro festival que depois eu comecei a produzir também, o Festival Universitário, e aí é uma pessoa que a gente produziu alguns curtas juntas, ação entre amigos, sem ganhar nada, tipo “vamos fazer, vamos fazer”. E aí depois ela começou a trabalhar na MultiRio [Empresa Municipal de Mídia Ltda]. E aí na MultiRio ela era diretora de produção e aí foi quando ela me chamou para fazer assistência de direção numa série da MultiRio.

J.M. – Você já estava formada nas Ciências Sociais?

A.A. – Já, já estava formada. Aí ela me chamou para fazer e eu nunca tinha feito assistência de direção.

J.M. – Você só produzia, não é?

A.A. – Eu só produzia. E fiz os vídeos e tal, tinha feitos já alguns curtas, um média, mas não sabia bem o que era assistente de direção. Enfim, entrei lá e fui aprendendo muito.

J.M. – E o que você fazia como assistente de direção? Em termos práticos como era a tua rotina lá?

A.A. – O que continua sendo, não é? Porque hoje eu atuo muito mais como assistente de direção.

J.M. – Mas você ainda está na MultiRio?

A.A. – Não, não estou mais. Antes de qualquer coisa a MultiRio, como ela é da prefeitura, ela tem uma forma muito diferente de trabalhar do que no mercado. Mas assim, assistente de direção é aquela figura que comunica todos os departamentos, é ele que marca as agendas de reuniões. Ele é a ponte da direção com todos os outros departamentos, de artes, figurino, pesquisa, roteirista, produção. Ele que faz essas agendas de reuniões. Tem alguns documentos que são dele, por exemplo, as análises técnicas. Quando eu recebo um roteiro, a primeira análise técnica quem faz é o assistente de direção. Análise técnica é falar, quando a gente tá filmando: “Ah, aqui tem...a cena sou eu dando uma entrevista, a Ana toma um café”. Eu tenho que decupar cada cena. Eu tenho que falar que essa cena tem que ter eu, tem que ter você, tem que ter ela, tem que ter esse *dressing*, tem que ter o café, tem que ter o copo plástico, tem que ter o seu papel de entrevista. Aí a gente tem um programa que se chama *Movie Magic*, que é nele que a gente cria esse banco de dados. E aí nesse programa eu coloco o que tem de elenco, o que tem de arte, o que tem de equipamentos, o que tem de fotografia, o que tem de figuração.

J.M. – Você já sabia usar esse programa?

A.A. – Então, na MultiRio ele não era necessário. O legal é que na época que eu trabalhei na MultiRio acabou que eu estava envolvida nas séries mais complexas e com os diretores mais complexos, aqueles diretores que eram muito difíceis ou muito “viajados” ou que nunca cumpriam o plano de filmagem. Aí era: “Vai, Ana, tenta ajudar”. E aí eu tinha...tem que puxar, você tem que ter uma sensibilidade de tempo entre o deixar o criativo e o “Agora já está pronto. Temos que ir para próxima cena.” [risos]. Então, na MultiRio, por exemplo, *No Compasso da História*, que foi uma série que eu adorei fazer, muito legal, era uma série que fazia um paralelo entre período histórico e música. Então, ditadura e Tropicália, era Vargas e a era do rádio. E aí era com a Joyce, a cantora, e tinha vários convidados. Foi uma série que foi uma ótima aprendizagem para mim, porque tinha externa, tinha estúdio e tinha muito material de arquivo. Então, toda essa organização de material de arquivo eu que fiz. Fiz num sentido de “como é que vai ser esse fluxo?”. Eu mandava uma decupagem para a pesquisadora por sequência e ela tinha que fazer as pastas para mim também por sequência, porque antes era tudo muito bagunçado, ninguém achava nada. Então, era todo um fluxo de como essas informações...eram muitas informações, muitas imagens de arquivo, muita música.

J.M. – Tua experiência na Rocinha com arquivos, te ajudou alguma coisa nisso? Te deu uma sagacidade?

A.A. – Eu acho que sim, com certeza, principalmente de como organizar. Eu tenho muito material, como é que eu vou nomear? Quais são as regras para nomear esse material? Como é que a gente vai fazer as pastas? Como qualquer pessoa pode chegar e entender como está a organização dos arquivos? Então, eu acho que essa experiência da Rocinha...legal, eu não tinha pensado nisso na época, ou talvez tinha, mas já faz tanto tempo que eu esqueci. E aí até hoje isso de como organizar informações, porque é um dos principais trabalhos meus: como eu organizo as informações e como eu passo as informações.

J.M. – Se tu pensar bem tem a ver com a pesquisa em Ciências Sociais também um pouco, como você organiza, coleta.

A.A. – É, o set...o documentário, eu já fiz...então, eu saí da MultiRio...

J.M. – Mas você fez algum outro trabalho na MultiRio que “pô, esse vale a pena lembrar”, além da série com a Joyce?

A.A. – Ah, sim.

J.M. – Você ficou quanto tempo lá?

A.A. – Na MultiRio, eu fiquei de três a quatro anos. Aí fiz séries envolvendo música...só que era um tipo de trabalho onde você tinha um tempo maior para as coisas, inclusive, você tinha que ter até uma certa paciência para o tempo das coisas.

J.M. – Era um pouco lento.

A.A. – É, era um pouco lento, era legal, porque, como eu falei, os trabalhos que eu fazia eram sempre as pérolas da casa, eram os programas que estavam sendo mais investidos, então, tinham cenários legais, mas ao mesmo tempo era uma forma muito específica de trabalhar ali na MultiRio com os funcionários que eram, como que era o set, porque era aquele set bem diferente do que é fora da MultiRio. Aí eu já estava há três anos, a MultiRio também estava começando a ficar pior de programas, ruim de grana, aí para eu ficar mais um ano, eu ia fazer a mesma série que eu estava fazendo no ano passado e já era uma série que eu não estava afim, aí eu falei: “Não, acho que eu tenho que dar uma tentada no mundo lá fora agora, vou ver”. Aí tinha uma amiga que ia fazer um documentário sobre o Rio São Francisco e que eu ia fazer a assistência de direção, só que demorou o filme para começar a produzir e aí a MultiRio me chamou e eu acabei aceitando a MultiRio de novo.

J.M. – Tem que pagar as contas, não é?

A.A. – Afinal, tem que pagar as contas. E aí logo depois, essa mesma produtora me chamou para fazer uma série que se chama *Ernesto, o exterminador de seres monstruosos e outras porcarias*, e aí ela me chamou e foi a primeira vez que eu trabalhei como se trabalha no mercado mesmo e que é como eu estou trabalhando hoje. Aí foi quando eu precisei fazer cursos, precisei aprender a trabalhar com o *Movie Magic*. E aí já era uma série que eu tinha que fazer um plano de filmagem, onde se pendurasse uma cena, se não desse para pendurar uma cena, se a gente não conseguisse fazer uma série naquele tempo ia ser muito dinheiro, ia ser um dinheiro que não ia ter. Então, aí já veio muita pressão que é como hoje opera o mercado. Você tem um tempo para fazer, se você não fizer naqueles 15 dias...nessa série foram 45 dias filmando, o que é muita coisa, porque 45 dias filmando significa 12 horas por dia e 1 folga na semana.

J.M. – Puxado, não é?

A.A. – Você não faz mais nada, quando eu estou filmando os amigos já até sabem.

J.M. – E você estava como assistente de produção?

A.A. – Não, eu estava como assistente de direção e primeira assistente de direção. O primeiro assistente de direção no mundo, fora na MultiRio, é o responsável pela análise técnica, é o responsável, que é uma das coisas mais difíceis, pelo plano de filmagem. O plano de filmagem é quando você pega, por exemplo, eram 13 episódios, você pega os 13 episódios e fala: “A primeira cena vai ser filmada tal dia, depois vai ser essa cena e depois essa”. É quando você desenha os 45 dias, o que vai ser filmado em cada dia e aí junto com data de elenco que não pode, com várias restrições, com o que é noite, com o que é dia. O plano de filmagem é uma das coisas mais difíceis que tem. E a ordem do dia que geralmente é o segundo assistente de direção que faz, mas ele faz dentro do que o primeiro fala que vai ser feito, a ordem do dia é: “Vamos começar por tal cena...”.

E aí foi uma grande experiência, porque já foi um trabalho...foi difícil, era muito difícil. Assistente de direção não tem folga, segunda-feira tinha que refazer, atualizar plano de filmagem, na hora do almoço todo mundo vem te perguntar alguma coisa, então, você não almoça.

J.M. – Caramba, e você aprendeu esse software no trabalho assim...

A.A. – Não, eu fiz um curso. Tem um cara que chama Hsu [Chien] que é um assistente de direção das antigas e ele dá muita oficina. Ele é bravo, ele dava cada esporro em todo mundo, é uma coisa, traumatizante. Eu acho que ele já dá esporro mesmo como quem diz: “Oh, se você chorar aqui, filho, nem vai para um set”, porque set também... aí fiz

esse curso com ele. Era uma série grande, até hoje passa na TVBRASIL. É bem legal, foi bem divertido fazer, apesar do cansaço e de tudo que é.

J.M. – E em algum momento dessa tua trajetória de assistente de direção, você conseguiu ter o seu próprio projeto? Você tinha essa ambição de fazer um documentário, fazer um filme? Como é que foi?

A.A. – Aham. Eu acabei de escrever um projeto para um edital que abriu em Niterói de audiovisual, eu mais a Isabela, que é uma grande amiga e amiga de trabalho, a gente escreveu um projeto de longa-documentário e aí se a gente ganhar, a gente vai dirigir.

J.M. – Sobre o que é?

A.A. – É sobre uma geração UFF, o pessoal que entrou no curso de Cinema pós-Embrafilme, porque o final da Embrafilme é governo Collor, por essa época. Então, foi um pessoal que resolveu fazer Cinema numa época que “vocês são malucos”, não tinha nada, não tinha a menor esperança, diferente de hoje que tem universidade de Cinema pelo Brasil inteiro e é meio moda fazer Cinema.

J.M. – Só não tem tela para todo mundo.

A.A. – É, tem várias questões, mas na época era ainda mais complicado. E aí foi um pessoal de muita resistência que fez muitos curtas, curtas premiados, curtas que foram para Cannes, que fizeram festival universitário, que fizeram longa universitário, que foram para ABD [Associação Brasileira de Documentaristas] atrás de várias lutas de fomento. E é um pessoal que hoje está fazendo filme, está trabalhando no Cinema, está ganhando super bem, alguns, não todos, claro.

J.M. – Voltando aí para os seus projetos, seus trabalhos, você sempre estava como assistente de direção? Ou você chegou a trabalhar com pesquisa de conteúdo, alguma coisa assim?

A.A. – Sim, eu fiz também. Há dois anos, eu fiz uma pesquisa para um documentário no Pantanal, fiz pesquisa de personagem.

J.M. – Como é que foi?

A.A. – Eu fui para o Pantanal, fiquei um mês lá em alguns lugares... Primeiro, quando me chamaram para fazer essa pesquisa, essa é uma produtora que eu sempre trabalho, a “3 Tabela Filmes”, e aí me chamaram para fazer essa pesquisa desse documentário. Um mês eu fiquei fazendo pesquisa por aqui, descobrindo, entrando em contato com as universidades, entrando em contato com ONGs, vendo quais cidades eu queria ir para apresentar para direção. Aí então, fiz uma proposta de quais eram os lugares que eram importantes ir, quais eram as comunidades. A proposta foi aprovada e aí eu fui para lá.

E aí alguns lugares... eu fui para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, passei um mês por lá, e aí é um trabalho de campo mesmo com o seu informante...

J.M. – Similar àquele que você fez?

A.A. – É, muito similar, a mesma coisa, foi um trabalho de campo, foi Antropologia aí, as mesmas negociações de campo, as mesmas entradas, entrou para um grupo, descobre-se que fechou outro grupo que só vai descobrir lá... A mesma coisa, foi um trabalho de campo, foi Antropologia. É diferente que depois você não tem que escrever...

J.M. – Um *paper*.

A.A. – É, uma tese, sei lá. Essa é a parte que eu acho que, desculpa, foi bem melhor. Enfim, fui em várias regiões. Em alguns momentos, tinha uma produtora mesmo de base que tinha um carro; outras vezes não, eram só pessoas da universidade que eu fiz contato ou de algumas ONGs que me ajudaram bastante. E aí ia mandando um relatório dos personagens que eu ia entrevistando.

J.M. – Como é que era esse relatório? Em termos práticos.

A.A. – Antes de eu ir, já tinha uma lista de perguntas, de entrevista, para fazer com cada um pelo menos para dar...eram pautas, às vezes não dava para fazer todas as perguntas. Eu fui vendo que algumas perguntas não comunicavam bem, as pessoas não entendiam bem, então, eu ia adaptando. Então, eu descrevia o personagem, onde ele nasceu, onde ele mora, o que ele faz, porque tinha pessoas de danças ou, sei lá, medicinais ou o cara que tocava viola. E aí contava se tivesse alguma história engraçada, era uma descrição do personagem.

J.M. – Nessa descrição você diria que o teu olhar era mais um olhar de alguém que já está no Cinema há muito tempo ou ainda tinha um olhar da formada em Ciências Sociais que fez Antropologia?

A.A. – Eu acho que estava mais...essa mesma produtora já tinha feito um documentário sobre o Rio São Francisco que chama *Cinco vezes Chico: o Velho e a sua Gente*². Nesse filme, são cinco diretores para cada estado que o rio banha. São diretores diferentes com autorias diferentes de cada diretor. É um documentário que ficou bem bacana e viajou bastante. Depois, a gente foi fazer a exibição do filme em cada cidade dos personagens, depois que o filme ficou pronto e tal. Eu fiz essa produção das exibições e aí foi ótimo,

² Dirigido por Gustavo Spolidoro, Ana Rieper, Camilo Cavalcante, Eduardo Goldenstein e Eduardo Nunes. Produção 3 Tabela Filmes, 2015.

porque eu viajei o Rio São Francisco inteiro. Aliás, o lado bom da profissão é que a gente viaja bastante, às vezes acontece de viajar bastante.

E aí eu acho que o *Pantanal*³ pelo meu olhar, pelos personagens ou talvez até mesmo pela época, eu acho que ele ficou mais político. Então, eu não sei se a mesma pessoa que fez a pesquisa de personagens do Rio São Francisco se ela tivesse feito o Pantanal se seria um filme muito diferente do que é esse. É uma impressão que eu tenho, porque a minha saída de início de pesquisa já foi mais para o político mesmo, porque eu já fui para as universidades, que aí já vão mostrar pessoas que são mais ativistas nas suas regiões, lá com as questões dos Pescadores que têm muitas questões políticas. Então, eu acho que é um filme, por exemplo, ele é diferente do Rio São Francisco, ele é um filme que os personagens são mais políticos. E aí eu acho que isso me vem mais de uma Ciências Sociais do que se eu tivesse um olhar de Cinema, porque se eu tivesse um olhar de Cinema, eu acho que ia ser diferente a procura dos personagens.

J.M. – Interessante, a procura mesmo.

A.A. – Por um lado, eu entendo, porque foi da onde eu vim, mas por outro lado, depois dessa experiência eu fiquei...primeiro que eu adorei, foi um trabalho que eu gostei de fazer e eu espero conseguir fazer mais, tive intenção de trabalhar mais com documentário do que com ficção. Primeiro, porque eu acho que tem mais a ver com a minha área, é uma coisa que eu gosto isso de ir trabalhar no “interiorzão” do Brasil e viajar mais. Isso seria uma coisa que eu adoraria conseguir fazer com menos pressão da Antropologia, porque eu acho que depois que eu fiz os campos, eu fiquei meio traumatizada com a Antropologia.

J.M. – Por quê?

A.A. – Porque para mim eram muito difíceis aqueles textos, era muito complicado. Às vezes eu achava que ali era uma puta ficção, que eu estava escrevendo uma ficção. Eu tive algumas crises com a Antropologia nesse sentido. Então, eu acho que para o documentário, para fazer pesquisa de personagens, a Antropologia é fundamental na minha vida e para o olhar, para a forma como eu entro no campo, como eu conheço as pessoas, como eu lido no campo, eu acho que é fundamental, mas não tem um outro lugar que era a minha dificuldade na Antropologia.

J.M. – Que é a escrita etnográfica.

³ *Pantanal: a boa inocência de nossas origens*. Dirigido por Isabela Faya e Eduardo Nunes. Produção 3 Tabela Filmes, ainda não lançado oficialmente.

A.A. – Que é a escrita etnográfica. Agora, eu acho que um set de filmagem, mesmo ficção, ele é um campo, porque você tem que saber como atuar, ainda mais eu. O assistente de direção no set de filmagem é ele que tem que levar o set - a gente fala que tem que levar o set -, então, é ele que tem que chegar lá e saber o tempo que cada um precisa. Preciso saber o tempo que o fotógrafo precisa, o cara do som, o figurino, a maquiagem precisa. “Você pediu uma hora, já passou uma hora e meia, quanto tempo mais você precisa? ”. “Ah, agora não tenho mais, você tem que entregar agora”. Ele é uma figura que está negociando com todo mundo no set, então, tem que saber com quem falar como falar, tem que saber a função de cada um ali. Se eu pedir uma coisa para ele que não tem nada a ver é ruim para mim, você tem que saber para quem você tem que pedir as coisas.

J.M. – E você atribui essa tua habilidade, esse modo de gerir as coisas, ao teu olhar, à tua formação de alguma maneira?

A.A. – Sim.

J.M. – Interessante.

A.A. – É, eu falo muito isso com os amigos, como foi uma base de vida a faculdade. Ela fica mais visível quando eu estou fazendo documentário, mas mesmo numa gestão de olhar, de entender, de ter o tempo das coisas, eu acho que veio daí.

J - Isso é muito contraintuitivo, estou pensando, é legal para caramba, porque em geral as pessoas acham que, sei lá, uma formação em Ciências Sociais te dá um olhar político como na série lá do Pantanal, mas jamais te daria um senso prático de lidar com as pessoas e com as diferenças como você apontou.

A.A. – Mas, pois é, eu acho muito que me dá, talvez por esses trabalhos que eu fiz em campo.

J.M. – Essas questões de negociar.

A.A. – Totalmente, porque esses trabalhos que a gente fez no campo lá em Machadinho tinha muita negociação, em Oriximiná também. A figura lá que era uma de nossas informantes não podia sair muito, então, ela usava muito a gente para conseguir sair à noite. E a gente sabia disso, então, também não tinha como não fazer uma coisa que a gente às vezes não queria fazer, pô, eu estava cansadona e não queria sair e ela: “Ah não, vamos sair”, estou dando um exemplo. Então, eram muitas negociações e eu acho que o set tem isso. E eu tenho muito retorno, às vezes as pessoas falam comigo: “Como você tem uma sensibilidade para ver o tempo das coisas”. Porque tem muito um perfil -

e geralmente é assim - do assistente de direção que está toda hora botando pilha: “Já tá pronto? Tá pronto” [estrala os dedos]. E eu fico assim...de como eu consigo lidar com...

J.M. – ...lidar com temporalidades.

A.A. – ...lidar com o tempo. “Não, ali não está pronto ainda, vamos esperar”. “Ah não, ali já está quase pronto, agora eu já posso fazer pressão”. Ou então, agora eu tenho que falar: “Tem que fazer agora”. Mas assim um entendimento do movimento ali do set, pode ser mó viagem, mas eu atribuo...

J.M. – Não, isso é muito legal, o tempo etnográfico, não é?

A.A. – É e eu atribuo à minha formação, ao meu estudo mesmo de ter esse... Às vezes está todo mundo no meu ouvido: “Cara, tá demorando”. Estão me pressionando assim. E eu falo: “Tá, mas ele está fazendo, tem o tempo dele, tem o tempo das coisas. Eu não vou apressar em nada se eu ficar lá ‘Vamos, vamos’. Não vai mudar em nada o tempo das coisas. ”

J.M. – Deixa eu engatar uma outra nessa, muito legal isso que tu falou, você acha também que essa tua formação te dá uma certa sensibilidade para...você está lidando com muitas pessoas, com tensões, desigualdades, eventualmente, de classe, gênero e raça, te dá uma sacada dessas coisas que às vezes as outras pessoas não têm tanto?

A.A. – Aham. Eu acho que...hoje em dia, para além disso...nos sets tem toda uma questão de gênero, muitas mulheres hoje estão no set, muitas mulheres hoje estão fazendo funções que antigamente não faziam, eu acho que isso já tá bem avançado, tem maior luta da gente no set, porque é um espaço que você sofre muito assédio, muitos homens, a galera da pesada que a gente fala, isso já mudou muito, mas tem toda uma política disso. Mas você está falando isso, eu acho que sim, eu acho que eu fico... Esses dias eu estava fazendo um trabalho e aí algum ator, era um elenco de 70 pessoas, e aí algum menino não ia poder fazer, eu estava fazendo segunda assistente de direção, aí eu fui falar com a primeira: “Pô, mas vamos tentar colocar, então, em outro episódio”. Aí ela falou: “Ah não, demite e pronto”. Aí eu falei: “Pô, cara, ele estava contratado e... Ah, desculpa, olha só, eu sou o ministro...” [risos], brinquei assim. Eu acho que aí não necessariamente nem a faculdade de Ciências Sociais te dá um olhar com o trabalhador de direitos e tal, não necessariamente, mas se espera que sim. Eu como eu tenho questões de horário, são coisas que eu também planejo, então, questões de doze horas de descanso. Se eu termino o dia às sete horas da noite, eu só posso chamar no outro dia às sete horas da manhã, a gente tem que dar doze horas de descanso.

J.M. – E você respeita bem isso.

A.A. – É, essas coisas de horário, horário de almoço, uma hora de almoço, são coisas que eu bato o pé.

J.M. – É comum você visualizar isso às vezes no set?

A.A. – É, acontece, depende muito de cada set, mas acontece. As doze horas costumam ser uma das coisas mais sagradas do set, mas se puder a galera..., mas é isso, eu acho que quase em qualquer meio de trabalho, se você deixar, você vai ser muito explorado no trabalho. O produtor vai...

J - ...sentar em cima.

A.A. – Vai sentar em cima. Eu acho que eu sou uma figura que tenta mediar isso. Eu sou a mais chatinha nessas questões mesmo políticas. Eu acho que as Ciências Sociais me ajudaram muito nesse olhar político, relações de trabalho e relações de gênero.

J.M. – Você ainda tem contato com alguma coisa do mundo das Ciências Sociais para além do teu olhar, da tua formação? Colegas ou leituras, alguma coisa te interessa ainda?

A.A. – Ah, leitura sempre, mesmo porque... eu lembro quando eu terminei Ciências Sociais, eu falei: “Cara, eu quero ficar agora uma vida lendo romance, ficção”. A minha biblioteca na minha casa agora está começando a ficar meio a meio, mas eram só livros das Ciências Sociais. Além de ser obrigada, você compra, enfim, é prazeroso, é sempre bom ter o livro. Então, os livros mais clássicos a gente acabava comprando. Eu acho que hoje está começando a ficar meio a meio a minha pequena biblioteca, os meus livros de casa, mas ainda são assuntos que me interessam. Assuntos políticos. Eu ainda sou uma pessoa que... isso vai me atrair para sempre como me atraiu desde quando eu fazia primário ou, sei lá, o segundo grau e gostava das discussões políticas. Sempre gostei de discussões políticas, então, isso não vai mudar. Tenho grandes amigos ainda da UFF. Tem uma amiga que eu tenho mais contato.

J.M. – Alguns que foram para o mundo mais das Ciências Sociais?

A.A. – É, eu tenho uma grande amiga que trabalha numa ONG. Tem uma outra que foi para Gastronomia [risos], porque é difícil se manter nas Ciências Sociais, na área mesmo. Eu acho que é bem difícil, mas é isso, eu sempre achei isso na minha cabeça, eu acho que te dá uma base cultural para atuar em muitos lugares, de vida assim, de olhar para o mundo.

J.M. – Tem uma última parte sobre rotinas. Você tem uma rotina profissional? Assim que dê para dizer: “o meu dia típico é...”? Existe isso para você?

A.A. – Não, não existe. Não existe, porque também eu estou *freelancer*, eu sou *freela*, eu não tenho um trabalho fixo em uma produtora.

J.M. – Mas e quando pinta um?

A.A. – Quando pinta um, geralmente, a rotina é... deixa eu pensar, geralmente, é de um mês a dois meses de pré-produção, então, quando você está preparando o projeto, tendo todas as reuniões com figurino, com arte, decupando roteiro, enfim, procurando locações, então, você tem um mês, digamos, de pré. Nesse um mês, a galera de Cinema, de produtora não curte, não tem por que, começar às sete da manhã, ninguém gosta. Geralmente, os horários de início do dia na pré-produção é tipo nove, dez da manhã, geralmente, fica até mais tarde até por conta disso. Mas nunca é um horário sete, oito horas na pré-produção, às vezes é menos, às vezes é muito mais, quando vai chegando mais perto do filme, você já começa a trabalhar doze horas.

J.M. – Mas aí demanda mais tempo seu trabalhando em casa, fazendo alguma coisa? Ou não?

A.A. – Geralmente, quando eu estou na pré-produção de um filme, eu estou trabalhando na produtora. Eu estou agora fazendo um documentário sobre roda de choros e aí eu estou trabalhando em casa. É um trabalho mais tranquilo e aí volta e meia, a gente marca reuniões.

J.M. – Em casa você tem um escritório ou é meio na sala?

A.A. – Eu tenho uma mesa, acaba que é no meu quarto, mas eu tenho uma mesa de escritório.

J.M. – É tudo bonitinho.

A - É confortável. Eu gosto de trabalhar de sair de casa, eu sei que as pessoas falam: “Ah que ideal, que delícia, um sonho trabalhar em casa”.

J.M. – Não, eu detesto, eu gosto de sair também.

A.A. – É, ou então, pelo menos três dias em casa, dois na produtora ou três na produtora, fazer um meio a meio eu também gosto, mas trabalhar só em casa... Eu não sou aquela pessoa...quando eu vejo já são dez da noite, eu não almocei, eu não falei com ninguém, eu só trabalhei, sabe? No escritório, você tem tempo de conversar, de trocar ideia, eu prefiro, não sou dessas de “ai, trabalhar em casa”. Eu fazendo a minha rotina particular em casa não funciona muito, não, não nasci com esse gene.

Mas, geralmente, é isso tem um mês de pré que são as reuniões, montando, planejando o filme. E aí quando o começa o filme é...

J.M. – É direto no set.

A.A. – É direto no set e, como eu te falei, hoje tem toda... em São Paulo está melhor, aqui no Rio ainda é raro, porque tem já lugares que estão tentando fazer duas folgas por semana e não só uma, ou então, uma semana com uma folga, outra semana com duas folgas, porque as pessoas se desgastam muito, é insano mesmo! Então, assim, de você trabalhar doze horas... Essa última série que eu fiz era doze horas, aí o lugar é super longe, então, a gente demorava ainda duas horas para chegar e duas horas para voltar. Eu cansei de sair de casa às quatro da manhã e chegar em casa às nove da noite sendo que era numa pedreira com 180 figurantes. Aí é difícil, dá uma mexida no emocional também, porque quando você vê: “Caramba, minha casa está uma bagunça, não tem nada para comer, eu não consigo ir no mercado”.

J.M. – Você mora sozinha?

A.A. – Eu divido apartamento com o Marcius, mas só que o Marcius, como ele fica muito em Campinas, eu fico muito tempo só. Quando ele está aqui é ótimo, porque ele sempre faz uma comidinha, quando ele não está, eu vou para o ovo cozido [risos]. É difícil mesmo você manter uma rotina quando você está trabalhando doze horas por dia e tem uma folga na semana, quando você consegue ir no mercado... E o dia no set, no geral, é muito puxado, você não para um minuto, ainda mais para os assistentes. Os assistentes de direção são as figuras que são mais puxadas mesmo, produção, assistente de direção, são os mais loucos de trabalho, de responsabilidade, de não parar no set um segundo. O pessoal do figurino colocou o figurino, entregou e depois tira, não é? Fica lá no set. Não estou desvalorizando não, é um trabalho criativo incrível, mas é um outro ritmo de trabalho mesmo, durante o set podem ficar um tempão lá só... A gente não, tem que estar sempre atenta, deu uma piscada degringolou tudo, enfim.

J.M. – Desse tempo, nessa loucura toda que é sua rotina, você tem tempo para redes sociais? Você tem o hábito, gosta, consome informação nisso?

A.A. – Ah sim, eu tenho. Às vezes, quando eu começo algum trabalho mais pesado desses grandes, eu costumo desinstalar o *Facebook* do meu celular para não dispersar mesmo. Não vou ter nem tempo, mas é melhor...volta e meia eu dou um tempo.

J.M. – Uma sumidinha.

A.A. – É, porque eu tenho, eu vejo bastante, mais do que eu gostaria, mas eu acabo usando pouco. Aí tem uma questão minha também, tem um monte de pessoal que quando está fazendo um trabalho posta fotos de todos os dias no set, o que é uma forma de divulgar o trabalho, ainda mais para quem é *freelancer*. Tipo: “Oh, estou

trabalhando, estou aqui gente, eu existo”. Eu acabo fazendo bem pouco isso, eu quase não faço.

J.M. – Essa promoção de si.

A.A. – É, eu quase não faço. Geralmente, em set... primeiro, que eu realmente... termina o filme e eu vou olhar e não tenho quase nem foto do filme.

J.M. – Não teve nem tempo.

A.A. – Não tive tempo ou não tenho o hábito, acho que é um pouco dos dois. E aí às vezes o que eu acabo aparecendo em fotos é de alguém que fotografou e me marcou, 99% é isso, fui marcada em alguma foto de set. Mas é uma questão que eu deveria repensar e deveria ter alguma estratégia mínima aí de divulgação, enfim, não sei.

J.M. – E o que você gostaria de fazer profissionalmente nos próximos anos? Você falou já do edital, mas tem alguma outra coisa?

A.A. – O edital é o sonho atual. Se esse projeto rolar já com esse edital...eu acho um pouco difícil, porque é um edital que está bem concorrido, todo mundo inscreveu, todo mundo. É isso, quando tem edital, todo mundo inscreve. E acho que são quatro filmes. Então, é bem difícil. Mas é legal, porque é um projeto que eu já tinha em mente... Isso é uma coisa que eu tenho que começar a pensar, e que está começando agora parece, dos meus projetos, porque a gente está no agora, tipo pagar o aluguel [risos]: “Ah, opa, já tenho o aluguel garantido, então, vamos para o próximo mês”. É muito difícil a vida de *freelancer*. Primeiro semestre do ano passado foi horrível, ninguém tinha trabalho. Todos meus amigos estavam desempregados, todos, não tinha dinheiro mais, o dinheiro estava assim acabando... Então, mesmo quando você faz um trabalho que você ganha uma grana legal, você tem que reservar, guardar, economizar o máximo possível para que essa grana dure o máximo possível, porque você não sabe quando vem o próximo trabalho. Esse ano, desde o segundo semestre do ano passado para cá, eu estou pegando trabalho um atrás do outro, às vezes fica um mês sem, mas aí logo aparece alguma coisa, mas aí você vai ficando sem e aí você já vai ficando...

J.M. – O que você faz quando você fica um mês sem trabalho?

A.A. – Quando eu estou um mês sem trabalho, eu vario entre me cuidar, pedalar, encontrar os amigos ou ficar em casa desesperada deprimida vendo série [risos]. Varia. Tem as fases de depressão, tipo: “O que eu estou fazendo da minha vida? Eu nunca mais vou conseguir trabalho. Eu estou ferrada, o que eu posso fazer? ”. Varia entre fique bem e se entregue, assista à série e fica deprimida [risos]. É difícil, é muito instável, é

cheio de crises, os amigos falam muito tipo: “Ah, aposentaria...”. Enfim, é difícil, não é uma das coisas mais fáceis.

J.M. – Mas na sua área tem a possibilidade, eventualmente, de ser um funcionário de uma produtora? Ou de ter uma carreira numa produtora mais estável?

A.A. – Tem, tem.

J.M. – É uma opção tua ou não necessariamente?

A.A. – Não, não necessariamente. Ah não ser que fosse...não sei. É muito difícil, não é? Porque quando você está num trabalho fixo é muito bom, você tem o seu dinheiro fixo, mas tem a rotina de trabalhar de segunda a sexta de tal hora a tal hora. Isso é ruim. Aí quando você está no *freela* é ótimo, porque você não tem essa rotina. Então, às vezes eu posso segunda-feira ir para a praia se eu quiser, ou se eu quiser eu posso trabalhar na praia, sabe? É ótimo isso, eu tenho o meu tempo. Óbvio que o outro lado é a questão de grana, às vezes eu estou super dura, só dá para ir para a praia mesmo, para ir tomar um mate. É uma instabilidade, mas hoje na minha cabeça, eu tenho dificuldades de me ver trabalhando mesmo numa empresa a não ser que esse trabalho seja dinâmico, o que geralmente pode até ser, mas mesmo quando é dinâmico no trabalho, mesmo assim você tem que ir todo dia. Enfim, é difícil.

Aí, agora tem esse projeto que era uma ideia que eu já tinha há muito tempo, foi legal a Bela me chamar: “Cara, vamos escrever e vamos fazer”. Aí agora ele existe, mesmo se não rolar esse edital, ele já está pronto, pode ir para outros editais.

Gostaria de investir em alguma...tem uma escola agora de documentário com a Cristiana Grumbach, que era assistente de direção do Eduardo Coutinho. Ela e os assistentes de direção do Coutinho são muito cabeçudos, porque o Coutinho só chegava na hora da entrevista, não é? Então, o assistente de direção do Eduardo Coutinho era uma figura muito preparada, com entendimento de personagens. E aí eu conheço eles e vi que eles estão abrindo uma escola, então, eu queria fazer esse curso de pesquisa de personagens. Então, eu estou querendo ir mais para documentários, talvez para pesquisa. É o que eu estou mais visando agora, porque a ficção, eu adoro, mas é muito desgastante, chega uma hora que você fala: “Puts, daqui a pouco o corpo não vai mais aguentar”. E daqui a pouco eu não vou ter mais energia mesmo para isso, para segurar isso, é muito puxado. O documentário ele tem um outro tempo.

J.M. – Bom Ana, percorremos tudo, queria te agradecer, foi ótimo, aprendi muito.

A.A. – Ai, ai.

[FIM DO DEPOIMENTO]